

TÓPICO ESPECIAL DA CONJUNTURA

Concentração de renda, desemprego e xenofobia

*Argemiro Luís Brum**

A onda xenofóbica que ganhou espaço, nestes últimos anos, na Europa (sobretudo na França, Alemanha e Itália) chega até nós, aqui na América Latina. De fato, o Mundo ultrapassa a dimensão do confronto entre os "ricos" do mundo desenvolvido contra os "pobres" do mundo subdesenvolvido. Falamos agora, de uma certa maneira, simplesmente dos ricos contra os pobres. Certo, a aversão a estrangeiros é hoje um problema mundial. A novidade é que ela se espalha em todas as direções, não sendo mais um privilégio de país rico.

Na Argentina, por exemplo, 81,3% da população é a favor das restrições aos imigrantes. Muitos, adotando um discurso idêntico ao encontrado junto aos extremistas europeus: "se todos os estrangeiros fossem expulsos do país, a taxa de desemprego cairia em menos de 1%"; "intervenção do governo antes que os imigrantes se apoderem do pão nosso de cada dia"; "os imigrantes sul-americanos têm capacidade mental limitada por séculos de desnutrição"; etc. E as agressões físicas aumentam, tornando-se mesmo corriqueiras em algumas regiões.

Enquanto isso, no Brasil, uma resolução do Governo Estadual de São Paulo proíbe crianças estrangeiras, filhas de imigrantes clandestinos, de estudarem nas escolas públicas. No Rio Grande do Sul, em algumas cidades do vale do Rio dos Sinos, recentemente assistimos à tentativa de "fechamento" das fronteiras dos municípios, com milícia armada, contra pessoas do próprio Estado. Certo, o problema do imigrante clandestino não pode ser ignorado, porém a extrapolação do mesmo tem levado a radicalismos via ações repressivas e a um posicionamento de ódio junto às populações nativas.

A própria criação do NAFTA tem, no controle da migração mexicana para os EUA, um dos pontos centrais de sua existência. Este é um dos motivos que leva esse bloco a ser apenas uma "zona de livre comércio", longe da idéia de um "mercado comum". Isso ajuda a explicar igualmente por que os EUA e o Canadá não estão interessados, por enquanto, na entrada de outros países latino-americanos nesse acordo, rechaçando o Chile e a Argentina (não foi por outro motivo que o primeiro se acercou do MERCOSUL rapidamente nestes últimos meses, enquanto a Argentina decidiu reforçar a pressão para o cumprimento do cronograma mínimo de implantação do mesmo).

* Professor da Universidade de Ijuí (UNIJUÍ), Doutor pela EHESS de Paris, Coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA).

Mas o pano de fundo dessa questão xenofóbica, que permite aos partidos políticos europeus de extrema-direita e do discurso fácil ("se existem 2 milhões de estrangeiros em nosso país e 2 milhões de desempregados, basta colocar para fora os estrangeiros que todos os nacionais terão emprego") ganharem muitos votos nas eleições¹, é a crise do capitalismo, representada no fato de que seus avanços, inclusive tecnológicos, acirram a concentração das rendas, não permitindo uma melhor distribuição dos ganhos sociais junto às populações, provocando, com isso, um aumento do desemprego.

De fato, o desemprego é o problema central do Mundo na atualidade. A OCDE (22 principais países do Mundo mais a Islândia e a Turquia e sem considerar ainda o México) possui hoje 35 milhões de pessoas desempregadas (8,5% da população ativa), com o agravante de que o problema atinge todas as categorias sociais junto aos países ricos; sem falar que se estima em 15 milhões o número de pessoas que renunciaram a procurar emprego ou se adaptaram a um emprego parcial por falta de alternativas. No conjunto da Europa, o desemprego atinge 11,7% da população ativa em 1994 com previsão de crescer para 11,8% no ano que vem. Nos EUA, o desemprego, medido em julho passado, apontou uma taxa de 6,1% da população ativa (9% na Califórnia e 7,1% em Nova York). No Japão, a taxa oficial de desemprego em 1993 foi de 2,8%, porém diversos órgãos de pesquisa apontam uma taxa real entre 8% e 11% da população ativa (durante os oito primeiros meses do ano fiscal de 1993 — abril a novembro —, houve uma redução de 48% na oferta de emprego na indústria japonesa, sobretudo na eletroeletrônica e de automóveis, em comparação a igual período do ano anterior). Na Suécia, o desemprego atinge, hoje, 8,2% da população ativa contra 1,5% em 1990. Por sua vez, na América Latina, os planos de estabilização econômica aqui postos em prática, se, de um lado, estão conseguindo dominar a inflação, têm reforçado o problema do desemprego. Assim, no Chile, o desemprego aumentou para 5,7% entre março e maio contra 4,6% no mesmo período do ano passado. Na capital, Santiago, o mesmo atinge 6% da população ativa contra 4,9% no ano passado, nesse período de três meses. Por sua vez, a Argentina, até maio passado, contava oficialmente com 2,8 milhões de desempregados (a cifra mais alta do país desde 1970), chegando a 10,8% da população ativa contra 9,9% um ano antes (oficialmente o desemprego já atinge, hoje, 13% da população ativa). Enquanto isso, o subemprego atingia 10,2% da população ativa. Apenas em Buenos Aires, o desemprego atinge 15,8%. No Brasil, só na Grande São Paulo, a taxa de desemprego, em junho/94, atingiu 15,2% segundo o DIEESE/SEADE. Conforme o IBGE, no primeiro semestre deste ano, 21% dos 16,2 milhões de pessoas economicamente ativas em seis regiões metropolitanas do País (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) procuravam emprego.

Paralelamente, por ocasião da Conferência Mundial sobre a População, no Cairo (primeira semana de setembro/94), os dados do relatório anual do Fundo para a População da ONU trouxeram ainda mais preocupações, pois ele nos informa que o Planeta poderá ter entre 10 e 12 bilhões de pessoas até o ano 2050 contra os atuais 5,7 bilhões.

¹ Os neofascistas na Itália, nas eleições municipais do final de 1993, obtiveram 46% dos votos em Roma e Nápoles, com discurso semelhante.

Como solução ao problema, o Mundo aposta no retorno do crescimento econômico junto aos países desenvolvidos. Ora, essa questão pode trazer uma solução apenas parcial, além de ser normalmente lenta e gradual. Peguemos o exemplo da França. Esse país, que possui hoje uma taxa de desemprego de 12,2% da população ativa, verá a mesma cair para 10% no ano 2000, caso o crescimento de sua economia atinja 3,6% ao ano. Por sua vez, um crescimento de 4,2% traria o desemprego na França para 7,5%. E para que o mesmo caia para 5% da população ativa, o crescimento econômico teria que atingir 5,2% ao ano. Ora, para 1994, o crescimento da economia francesa está previsto em 1,4%, e dificilmente ele chegará às taxas indicadas nos próximos anos.

Além disso, segundo a OCDE, o crescimento da produtividade e a elevada competição levam a um processo massivo de destruição de empregos (10% dos empregos desaparecem a cada ano) que é compensada pela criação de um número equivalente de novos cargos. Entretanto esses novos cargos exigem cada vez mais uma melhor e maior formação das pessoas, pois estão ligados à aceleração do progresso tecnológico. Ora, esse desafio não está ao alcance de todos, e o processo torna-se cada vez mais seletivo. Hoje, uma criança na escola, para ter "um lugar ao sol" amanhã, não pode se limitar a ser apenas um bom aluno. Deve ser um excelente aluno já na arrancada de sua formação.

Um outro agravante do problema é o "enxugamento" que as empresas vêm fazendo na tentativa de se adequarem aos novos tempos, isto é, tempos de crise, recessão, baixa e seletiva demanda. Na medida em que esse processo alcança o setor público, a questão ganha dimensões catastróficas (nos 19 países que compõem a CEE e a Associação Européia de Livre Comércio, o setor público foi responsável por dois terços dos 10 milhões de empregos criados na região desde o início dos anos 70).

Por sua vez, no contexto específico do MERCOSUL, na medida em que a xenofobia se faz presente, é posta em dúvida a própria consolidação do nosso Mercado Comum (problema semelhante é encontrado na União Européia atualmente), à proporção que o mesmo prevê, dentre outras coisas, a livre circulação de pessoas entre os países-membros. Como isso poderá ocorrer num contexto como o até aqui descrito? Sem dúvida, haverá a necessidade de leis supranacionais nesse sentido, o que não será fácil de definir. Além disso, livre circulação de pessoas ultrapassa as questões econômicas, para privilegiar os aspectos culturais dos povos. Assim, também por aí, dificilmente assistiremos, tão cedo, à formação do Mercado Comum do Sul.

Enfim, por trás de todo esse contexto, temos um fator limitante ainda maior, que alimenta o desemprego, mola da xenofobia entre países. Trata-se da concentração da renda mundial. Segundo o **Financial Times de Londres** (2.6.94), os 20% mais ricos do Mundo ficam com 85% da renda mundial, enquanto os 20% mais pobres ficam com 1,4% dessa renda. Ou, dito de outro modo, segundo dados do Banco Mundial (1990), 16% da população mundial (830 milhões de pessoas sobre os 5,2 bilhões que habitavam então o Planeta) concentra em suas mãos 75% da renda mundial, ou seja, US\$ 15 trilhões sobre um total de US\$ 20 trilhões. O Mundo sabe que, mais cedo ou mais tarde, terá que abordar de frente esse problema. A questão é encontrar uma maneira de fazê-lo.